

O DESERTO BRASILEIRO

JOÃO DE VASCONCELOS SOBRINHO  
Professor Titular do Deptº de  
Biologia da UFRPE.

*Comunicado ao Seminário promovido pela AAAS, anteriormente à conferência das Nações Unidas sobre desertificação, em 22-25 de agosto de 1977, em Nairobi.*

Nos Programas de estudo das áreas em desertificação, não deveria ser esquecida uma vasta região situada no Nordeste do Brasil, que por sua extensão 1.150.652 Km<sup>2</sup> (G. DUQUE, *Solo e água no Polígono das Secas*, 1973, p. 21), poderá vir a constituir um dos maiores desertos do mundo,

Pode, talvez, jamais transformar-se em um deserto típico, saariano, estacionando, apenas, como um deserto atípico, um deserto econômico, dependendo das tendências gerais do clima terrestre.

Situa-se essa região entre paralelos 3 e 15 graus de latitude sul, como uma réplica do Sahel. É uma área bem conhecida dos botânicos e fitogeógrafos, desde Martius e Saint-Hilaire, que a percorreram sumariamente no século passado, até Philip von Luetzelburg (1926-1938), e outros mais recentes como Guimarães Duque e Bastos Tigre.

Nós havemos trabalhado nessa região aproximadamente há quarenta anos, e nos interessado, principalmente, pelo fenômeno da degradação ecológica que vem sofrendo, com características evidentes de desertificação.

Daí se infere a preocupação do Governo em aumentar a baixa produção de pescado, em contraste com uma importação cada vez maior, notadamente com relação ao bacalhau. A propósito, o Porto do Recife deteve, e por longo tempo, a "primazia" de ser o maior importador desse produto.

Com relação ao mencionado Decreto, vale salientar a sapiência e o alcance de suas normas no que concerne à poluição das águas e a certas medidas de preservação dos recursos naturais, tais como: proibição de uso de substâncias tóxicas, determinação de épocas de pesca e uso de armadilhas de captura,

Ainda como referência histórica, merece citação um trecho da carta do Contra Almirante Antônio Alves Câmara, aos redatores do "Boletim do Club Naval", datada de 20 de dezembro de 1888:

"... sobre estatísticas de pescarias, tão bem cuidadas e estudadas em alguns países, no nosso nada ou quase nada existe estabelecido, pelo que me parece de palpitante necessidade empreender alguma coisa nesse sentido, bem como regulamentos a respeito...". (≠)

O mesmo autor, com relação à baixa remuneração dos pescadores diz que:

"Os salários e gratificações, de que usufrue o pessoal são mui exíguos e insignificantes para qualquer serviço em geral, e mui principalmente em relação aos perigos e vicissitudes por que correm na época de inverno...". (≠≠).

Já neste século, em carta aberta, datada de 1910, ao Ministro da Agricultura, inserida em livro de sua autoria, o Camandante Frederico Vilar ≠≠≠ propõe uma série de medidas visando a solução de problemas que afligiam a pesca brasileira, tais como:

---

≠ Apud CAMARA, Antônio Alves - "Pescas e Peixes da Bahia" - Tipografia Leuzinger, Rio, 1911 - pag. 37.

≠≠ Opus cit. pags. 66/67,

≠≠≠ VILAR, Frederico - Peixes Indústrias de Pesca do Brasil - Garnier - Paris - 1911.

- a) criação da "Inspetoria de Pesca";
- b) criação de escolas de pesca;
- c) associação dos pescadores em torno de Colônias e a criação do "Crédito Marítimo" extensivo à pessoa física e às Cooperativas de pescadores;
- d) isenção de direitos e impostos e diminuição de tarifas e outras facilidades portuárias;
- e) instalação de portos pesqueiros devidamente e quipados.

Merece destaque a ênfase dada pelo autor à piscicultura e à pesquisa, que passariam a constituir os mais importantes setores de órgão a ser criado e organizado mediante contrato com técnicos estrangeiros.

Pouco mais tarde, o Doutor Nicolau Debanê ao analisar a situação do pescador, mostra um aspecto ainda hoje atual:

" O pescador é escravo do comerciante de peixe, é o mais escravizado dos escravos, porque, se não aceitar o preço oferecido pelo mercante, ficar-lhe-á o peixe por conta sua, e estragando-se e apodrecendo, perde todos os seus esforços, toda a sua pena, todos os duros trabalhos que realizou, talvez com perigo de vida ". ( ≠ )

Em síntese, eram as seguintes as variáveis determinantes do primitivismo da atividade pesqueira artesanal:

- a) sistema de comercialização assentado numa estrutura de intermediação, aviltando o preço à nível do produtor;
- b) inexistência de dados estatísticos e elementos técnicos capazes de fundamentar a elaboração e a implantação de programas;
- c) baixa ou nenhuma capacitação técnica dos recursos humanos envolvidos na pesca;

---

(≠) DEBANÊ, Nicolau - "A pesca e os pescadores no Brasil" - Imprensa Nacional - Rio - 1924 - pag. 121"

- d) total desorganização da mão de obra produtiva;
- e) falta de infra-estrutura de distribuição, armazenamento e comercialização de pescado;
- f) incidência de vários fatores, tais como: Analfabetismo, saúde, e alimentação deficientes, etc.

Como se observa, as causas que entravavam o artesanato pesqueiro, embora constatadas a bastante tempo, ainda hoje constituem "Descobertas" de muitos. É pena que a cada descoberta não se aponte uma solução nova.